

Baila muy bien la española;
es blanco y rojo el mantón:
¡vuelve, fosca, a su rincón
el alma trémula y sola!

Por tus ojos encendidos
y lo mal puesto de un broche.
Pensé que estuviste anoche
jugando a juegos prohibidos.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos X (conclusión) y XIX;
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Te odié por vil y alevosa:
te odié con odio de muerte:
náusea me daba de verte
tan villana y tan hermosa.

Y por la escuela que vi
sin saber cómo ni cuándo,
sé que estuviste llorando
toda la noche por mí.

Quando, a noite, a sós deixo-me estar
eu penso em ti, Cristina, e quando penso
em ti, cada vez mais eu me convengo
de que te amo e vivo para te amar!

Ah! Prende-me este amor que eu não venço
nem o vence ninguém... Ouso pensar
que ele é mais amplo e belo que o mar
e mais puro que o céu de azul intenso!

Assim, em ti, em nós – tudo – medito
e, ao que penso, acrescento algo bonito,
que vi, que existia, ou que existir supponho.

Mas tu chegas!... e em ti meus olhos ponho
e em nada mais, Cristina, então refletio,
que já não penso, amor – vendo-te, eu sonho!

Cléber Roberto de Oliveira, Pensativo; em
Milênio 0104

Em um banquete digno da nobreza,
com peixes e carnes tudo isso ao molho,
agarro um copo fundo e com presteza
maio um naco de carne, ao prato colho.

Ao pato assado vou, sem sutileza,
esparrrando um pouco de repolho
por sobre o linho branco dessa mesa
e do fundo da garrafa ainda recolho
mais um gole. Outro... e mais outro ainda bebo.
O vinho é tinto ou branco? Nem percebo...
Enfim, já não enxergo com clareza.

O efeito da bebida estonteante,
já não me faz assim tão elegante,
lambos os dedos, bebado com certeza.

Acadêmico Mário Marinho, Pecado Capital Gula; em Meriti
Fazendo Arte, Academia de Letras e Artes Meritense 0007

Pajarillo otra vez en viejo nido,
después de un largo y tenebroso invierno,
quise también volver al lar paterno,
a mi primer y virginal abrigo.

Un genio bueno, cariñoso, amigo,
tal vez fantasma del amor materno,
cogió mi mano con un gesto tierno,
y paso a paso caminé conmigo.

Aquí la sala – ¡la recuerdo tanto! –
donde mi madre a sonreír bordaba
con las pequeñas, en la noche... El llanto
hirió mis ojos, mi garganta ahogaba...
Una ilusión gemía en cada canto;
una nostalgia por doquier lloraba. SF008

Luís Guimaraes Júnior, Visita a La Casa Paterna; de Sone-
tos Brasileños trads. por Alvaro de Las Casas – ABL, 1938

Todos os dias do mês
mereces os meus cuidados.
E mais um pouco, talvez,
no Dia dos Namorados.

A morena, quando passa,
no molejo das cadeiras,
deixa nos olhos a graça;
no pensamento, besteiras!...

Os políticos são iguais
em qualquer país da terra
só visam lucros pessoais,
enquanto o povo se ferra...

Senhores, na edição,
às folhas soltas, alento!
dêem-lhe a filiação;
não sejam folhas ao vento.

Sertão é cheiro da mata
e o seixo duro no chão
feira, cachaça, brava,
favo de mel e paixão.

Uma estrela cintilante,
os Reis, a Belém conduz.
Maria, mais fulgurante,
deu a luz... a própria luz!

Analice Feitoza de Lima, em
Fanal 0412

J. J. Germano, em
Trovã 0412

João Bricio Filho, em
O Pitiguari 0404

Manoel F. Mendez

Raimunda Neide M. Freire, em
O Pitiguari 0404

Wanda de Paula Mourthé, em
Trovãlegre 0412

Após aguaceiro
piso nas poças de lama –
lua refletida!

Suco de manga
a escorrer pelas mãos
pingos de ouro.

Ramas estendidas.
Flores de maracujá
parindo os frutos.

Choveu à tarde...
As iças aparecem voando
aos milhares!

Odor da mata
caminho com o meu lampião
mariposas me seguem.

Restos de canoas
flutuando nos banheiros
ontem, pororoca...

Chuvos e trovões
das árvores da avenida
uma já tombou.

Francisco Handa

Olinda M. de Azevedo

Raymundo Luiz Lopes

Sidney E. Miura

Sonia Mori

Suely Moraes

Tomoko Narita, Sabá

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) VERÃO



Nas águas correntes cardumes de piracemas, pulam nas nascentes. Ailson Cardoso de Oliveira	A castanha queima; doce é a carne do caju, escorre da boca... Denise Cataldi	Reisado passando... Pombas em vãos o segue! Multidão se benze. Leonilda Hilgenberg Justus
Crianças correndo, e os pés sobre os lava-pés sofrendo picadas. Alba Christina	Canto popular num cortejo colorido: louvor dos Reis Magos. Djalda Winter Santos	No caminho, a névoa; lanterna de carbureto. Muitos vaga-lumes. Manoel F. Mendez
Com fatal picada, o escorpião, satisfeito, abandona a vítima... Amália Marie	Esparrama odor tão suave quando bimbalha campânula em flor. Fernando Lopes Soares	Repouso no prato, o pimentão recheado, gordo e vermelho. Maria Reginato Labruciano
Num jardim qualquer um pé de dama-da-noite recende o ar. Amauri Amaral Campos	Isca no anzol cardume movimentado. Lambari no papo. Fernando Vasconcelos	Voa mariposa há muita flor no caminho, perfume no ar... Mariza Estevão
Gostoso perfume! Alvas flores sobre o muro. É dama-da-noite. Analice Feitoza de Lima	Longa estrada forte sol no céu ficou em casa: guarda-sol. Flávio Henrique Veloso	Feia cicatriz! No canteiro de espinafre, não vi a taturana. Nádyr Leme Ganzert
Entre a lenha seca um escorpião fez morada. E agasalha a morte. Angélica Villela Santos	Água turva. Lanço logo minha rede, bagres à vista. Hélvécio Durso	Frutas da estação: caju, manga, abacaxi ...ah, que indecisão! Olga Amorim
Salada de frutas, criança afastando tudo... Abacaxi fica! Anita Thomaz Follmann	Flamboiá florido. No quintal e na calçada, tapetes de púrpura. Humberto Del Maestro	No córrego sujo, garotos pescando bagre. Único alimento. Olíria Alvarenga
Almoço na prata: pimentão à milanesa. – Alemã na areia! Antônio Seixas	No quintal, hortênsia, na varanda, muitas flores, jardim doméstico. João Batista Serra	A folhagem verde ganhando um toque especial; imponente hibisco. Regina Célia de Andrade
Lá vem o reisado... Violas cheias de fita saúdã a lapinha. Cecy Tupinambá Ulhôa	O sol projeta círculos na praia. Meio-dia. Larissa Lacerda Menendez	Café da manhã. Abacaxi fatiado reluz entre as frutas. Renata Paccola
O vulto caminha manguezal em alvorço caranguejos fogem... Daryl O. Barros	Colada à parede, lagartixa espreita a presa afilha. Hipnose. Lávia Lacerda Menendez	Trafegam canoas pelas líquidas avenidas. É tempo de enchente. Walma da Costa Barros



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.01.05, quigos à escolha:
Cantárida, Dia do Ferroviário, Quaresmeira.

Remeter até 28.02.05, quigos à escolha:
Cerração, Espantalho, Péra.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoamos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!
No Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Mendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da sação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após a publicação do rol para o haicuísta enviarei seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL. – TREVOS PERSONAGEM *

A enchente levou. A correnteza levou. Só desolação... Agostinho José de Souza	Espalhando estragos granzato também ajuda: leva os pernilongos. Alba Christina
Jacinto nos dedos, pedra bonita e brilhante. Luz da natureza. Ailson Cardoso de Oliveira	Ó quanto frescor! Obrigada, Natureza, pela água de coco. Alda Corrêa M. Moreira

A traça só traça,
nas lembranças e vestidos,
caminhos danosos...

Hortênsia se abrindo.
Na paz do jardim florido,
eis, o azul que surge!

Lava-pés me lembram
Negrinho do Pastoreio.
Que triste destino!

Um pote de ouro
no final do arco-íris.
Sonho de criança!

Pimentão na pia
vai pra panela, vermelho.
Raiva vegetal!

Dia do Carteiro.
Para os que trazem mensagens,
justa comemoração.

Na gaveta, fotos.
Lembranças, recordações
que a traça roeu!...

De azul e amarelo
queria as ruas vestidas...
Dia do Carteiro.

Azul e amarelo,
carteiro, a entrega certa...
– com o mundo meu elo.

Água de coco é
surpresa da caixinha,
geralmente boa!

Um carro enguiçado,
o pisca-pisca acionado.
É vaga-lume.

Bicho sem escrúpulos,
andando sobre alimentos.
A suja barata.

No toró, que cai
implacável, frio, está
presença do Deus.

Um prato de angu.
Ao lado, lambaris fritos.
Precisa melhor?

No chão a cigarra,
em decúbito dorsal,
é folha de outono!

Uma surpresa me aguarda
no vilarejo distante:
– canteiros de dalias!

Pernilongo mau,
dá picada e esconde a tromba,
sem olhar a quem...

Agradeço a Deus
pelo vôo do pombo-correio
no Dia do Carteiro!

Sempre o vaga-lume
pisca, pisca no sertão.
Luzes divinas.

Corre o calendário
correio, azul amarelo,
Dia do Carteiro.

A rosa perfuma
à sombra de uma ameixeira
o amor e o haicai.

Cigarra acalanta
jovem, em sonhos, na rede.
Borboleta os beija.

Poucos pescadores.
Uns escassos lambaris,
rio ainda guarda.

No chão, taturana,
lagarta urente; depois
bela borboleta.

Arco-íris no céu,
leva água para outro lado...
Contos de toró.

Não chove... e o Nordeste
mata a sede do seu povo
com... água de coco!...

No rosto corado,
o viço da juventude.
Pétalas de rosas.

Nem sempre o perfume
nos vem somente da rosa...
outras flores têm...

A rosa vermelha
namorada sorridente
flor de plástico.

Quem quer bela rosa
escala espinhos, vizinhos,
em luta sem prosa.

Feliz o carteiro,
entrega cartões natalinos.
Não recebendo nenhum.

Traça que quer ler
traz, no apetite voraz,
fome de saber!...

É prática a hortênsia
um buquê em cada flor.
Beleza econômica.

Cabelos de prata,
terno branco, perfumado.
Parece um jasmim.

Com a casa nas costas,
não precisa de mobília.
Caracol folgado.

Maurício Robe Barbosa

Nilton Manoel Teixeira

Paulo Alfredo Feitosa Böhm

Santos Teodósio

Sérgio Serra

Walma da Costa Barros

Yedda Ramos Maia Patrio

<p>No silêncio da noite o seu corpo me inflama e entre gritos, suspiros, gemidos nós dois cavalgamos a pradaria da cama no meio da noite por entre as chamuscas sou cavalo lambendo na pradaria a grama. 0106</p> <p>Abelardo Nunez</p>	<p>Canto... canto... "Dorme filha, meu encanto." Já não brilha luz do céu tudo dorme, menos eu... Um enorme sono vem; durmo bem. Mas, se agora, ela chora, eu me espanto e canto... canto... "0107"</p> <p>Carlos Guimarães, Acalanto</p>	<p>Um poema é como um beijo que antecede a um desejo que tem cá dentro da gente. O poema, o beijo podem frutificar virar semente. Este é meu dilema: será solução ou será problema? Se poetizo, beijo gente. Com carinho me entrego pelas palavras do corpo de qualquer poema. 0107</p> <p>Elineide Melo, Poema e Beijo (à Elisa Lucinda)</p>	<p>Sei muito bem: gostas de mulher braba Aquele tipo que roda a saia, arranha, grita palavrão, quebra os pratos, vira a mesa e depois... implora perdão. "0107"</p> <p>Laura Esteves, Amor de Apache</p> <p>Adoro acordar cedo. Ver nascer o dia. Voltar a dormir. "0111"</p> <p>Lyad de Almeida</p>	<p>Sol poente debruçado no decote da donzela, faz sombras, muito abusado, nas sombras dos seios dela! 0004</p> <p>Mário Marinho</p> <p>Os verdadeiros analfabetos são os que aprendem a ler e não lêem. 0008</p> <p>Mário Quintana, Cartaz para Uma Feira de Livro</p> <p>Você me alisa. Meus dedos abrem os botões da sua camisa. 0112</p> <p>Nilza Menezes</p>
<p>Quando ele me disse ô linda, pareces uma rainha, fui ao cúmulo do ípice mas segurei meu desmaio. Aos sessenta anos de idade, vinte de casta viuvez, quero estar bem acordada, caso ele fale outra vez. 0007</p> <p>Adélia Prado, NeuroLinguística</p>	<p>Piso no vazio... A esperança sumiu... "0109"</p> <p>Cecília Fidelelli</p> <p>A tua raça de aventura quis ter a terra, o céu, o mar. Na minha, há uma delícia obscura em não querer, em não ganhar... A tua raça quer partir, guerrear, sofrer, vencer, voltar. A minha, não quer ir nem vir. A minha raça quer passar. 0104</p> <p>Cecília Meireles, Epigrama Nº 7</p>	<p>Parecem fruta, parecem teus rubros lábios, tão puros. Falando claro, parecem cachos de beijos maduros! 0108</p> <p>Eno Teodoro Wanke 23.07.1927-28.05.2001</p> <p>Não como mais prato cheio porque afeta a digestão... nova moda agora veio que nos dá grande lição!... Em todo cardápio leio sempre a boa sugestão que cala fundo no seio da faminta multidão! Já se foi o prato feito, come-lo não tenho jeito e se me forçam, estrilo... À la carte não me agrada, mas na balança pesada, minha comida é aquilo!... 0109</p> <p>Fernando Elviro, A Moda É Comer a Quilo</p>	<p>Ah! meu Deus, quem diria que a essa altura do dia e após tanta tempestade, eu ainda perderia um pouco de ingenuidade!... 0201</p> <p>Márcia Agrau, Decepção</p> <p>Senhor: um medo infinito, ao ter que julgar me assusta, premiada pelo conflito entre ser boa e ser justa! "0107"</p> <p>Maria Nascimento S. Carvalho</p>	<p>Cabelos brancos... Voejando... que o tempo trouxe de leve! Sois a saudade chegando toda coberta de neve! 0105</p> <p>Onildo de Campos</p> <p>Velho nauta dos terreiros e do fundo dos quintais, o vento inventa veleiros, velejando nos varais. 0111</p> <p>Orlando Brito</p>
<p>Ver-te sumir dos meus olhos! Ver o barco se afastar... - Ai de mim!... do meu tormento!... Não poder parar o vento! Não poder parar o mar! "0106"</p> <p>Adelmar Tavares</p>	<p>O amor encurta os dias. Que engane Labão, que me engane o mundo inteiro. O amor encurta os dias. Sete anos sete meses, sete meses sete dias, sete dias sete horas, sete horas sete minutos, o amor encurta os dias. Que me importa mandem Léias, que me importa mandem Lias, que me casem com a jurídica, Medicina, Engenharia; o amor salta barreiras, põe carnes nas caveiras, até chegar a Raquel, até chegar poesia. O amor encurta o cérebro: de noite só vejo Raquel, só Raquel vejo de dia. Pode ser no campos de ovelhas, pode ser na ciclovia. Por Raquel, trabalharei sete e sete e sete e quantos sete eu viver. Sete anos de vacas gordas, sete anos de vacas magras, sete anos sem vacas, por Raquel trabalharei! Raquel! Raquel! Sem amor um dia são mil anos mas o amor: o amor e a globalização encurtam os dias. E se a estrada é toda espinhos o amor ensina a voar! Raquel! Raquel! Raquel! Raquel é o justo salário que a inflação não corrói Raquel! Raquel! Raquel! Será que você me espera? 0103</p> <p>Cláudio Alves, O Amor Encurta os Dias</p>	<p>Eu sei que se tocasse com a mão aquele canto do quadro onde um amarelo arde me queimaria nele ou teria manchado para sempre de delírio a ponta dos dedos. 0103</p> <p>Ferreira Gullar, Pintura</p> <p>Caia bem devagarinho para não molhar esta saudade que está querendo morar em meu coração. 0112</p> <p>Geny Ferreira Pinto, Chuva</p>	<p>Os frutos ainda estavam verdes, e minha boca ficou vazia. Quando os frutos amadureceram, os pássaros chegaram antes de mim em meus olhos, contudo, o sumo escorria. "0106"</p> <p>Maria Tereza Cavalheiro, Desencontro</p> <p>Fico a colecionar inutilidades e com que facilidade me apego a eles (vão dando a medida de minha caduquice, não importa! São meus tesouros) ficam todos arrumadinhos ora os consulto: eventualmente que se repete em cada poema, não tenho coragem para livrar-me deles falta-me o mínimo de decência vivo atulhando o meu íntimo que acabará todo desarumado mas um afeito estranho une-me a estes inutilidades coisas que experimentei e nunca foram para o cenário mundial ou figuraram em revistas... revisto-os sempre que posso mal posso andar entre eles não removerei nenhum, nada! Os inutilidades fazem a manutenção dos meus sonhos. 0106</p> <p>Mariel F. dos Reis</p>	<p>Ave cativa e canora, notas tristes na garganta, é como o poeta: chora, e todos pensam que canta! 0103</p> <p>Pedro Ornelas</p> <p>Quer na boca quer na mão, o teu cigarro é nocivo, ataca qualquer pulmão. Faz-me fumante passivo... 0108</p> <p>Porphirio Rodrigues</p> <p>Quatro horas. Os trabalhadores ainda não acordaram. O sol ainda não nasceu. E eu, na rua, só tenho a lua, que ameaça se esconder. "0109"</p> <p>Renata Paccola, Sóbr(r)ia(s)</p>
<p>Há em mim um porto vazio a te esperar de braços abertos. 0010</p> <p>Ademir Antonio Bacca, Da Solidão</p>	<p>A visão de teu retrato confesso que me faz mal: aumenta mais a vontade de rever o original. "0106"</p> <p>Albertina de Castro Borges</p>	<p>A justiça, rica em falhas, corrompida por esquemas, enche de glória e medalhas mãos que merecem algemas! "0108"</p> <p>Gerson César Souza</p>	<p>Mico-leão-dourado ariranha boto ornitorrinco otrorrinolaringologista idoso velho ancião espécies em extinção. 0007</p> <p>Mário Marinho, Poeta; em ALAM</p>	<p>Contigo o leito reparto... E, no amor que nos conforta, o carinho invade o quarto quando a gente fecha a porta!... "0107"</p> <p>Sérgio Bernardo</p>
<p>Pelo caminho que andares, separa o joio da espiga, para que a mão que apertares, não venha a ser inimiga! 0103</p> <p>Albertina Moreira Pedro</p>	<p>Jamais percebe a maldade e as vozes da hipocrisia, quem faz da fraternidade trajeto do dia-a-dia. "0107"</p> <p>Alice N. Souza Felix</p>	<p>Quem perde seu tempo em vão com coisa pequena e fútil, já bem sabe, de antemão, que nada fará de útil. "0106"</p> <p>Haroldo Rodrigues Castro 05.04.1936-31.12.2003</p>	<p>Componho, pois a febre inda me arde... e vou compondo triste sem alarde com o dia findo, já caindo a tarde. E vão pingando no papel, suponho uns pequeninos pingos desse sonho que ordeiramente lado a lado eu ponho. São versos, breve suspiro que eu capturo com dificuldade. É em você que eu mais me inspiro, é em você, e o que restou... Saudade! 0007</p> <p>Mário Marinho, Interlúdio; em ALAM</p>	<p>Tenho, a lembrar os dispersos castelos que outrora ergui, a pasta cheia de versos e os versos cheios de ti. 0111</p> <p>Silveira Carvalho</p> <p>Finalizou seu mandato e pra não perder o pique foi preparar candidato e dar aulas de trambique. "0108"</p> <p>Siméio Cohen</p>
<p>É um poema à tarde breve que agoniza em meu quintal: o teu jeans toca, de leve, meu vestido no varal!... 0103</p> <p>Ana Maria Motta</p>	<p>Porto, plana e extrema porta, que de frente ao mar avança. - Tanto de saudade importa, quanto exporta de esperança! "0109"</p> <p>Cléber Roberto de Oliveira</p>	<p>Manhãs delicadas molhadas de frio, parecem de fadas as preces do rio. Fiapos de luzes despontam do léu. São beijos nas nuvens, que enfeitam o céu. Meus passos esmagam silêncio e rocios; desprendem as aves gorjeios macios. 0103</p> <p>Humberto Del Maestro, Manhãs</p>	<p>Que nomes diversos dão, e qual será o verdadeiro? Minha irmã!! - Chamou-te o irmão. Minha filha!! - Foi o primeiro. Vários nomes pela vida vais ganhando. Com louvor. Chamaram-te de querida. Chamaram-te de meu amor. De mãe, chamou-te a menina. Para não ficares só, suprema bênção divina, hoje te chamam de avó... Só a carne envelheceu, como já é seu mister. O sonho, esse não morreu. Pois teu sonho é ser mulher. Eu amiga minha, lembrando os galhos de uma roseira, vou-me em ti entrelaçando, e te chamo... companheira! 0007</p> <p>Mário Marinho, Trajetória: para Arlete, com carinho; em ALAM</p>	<p>De tão apressada engulo, não mastigo minha sorte. Não sei se é sede de vida ou avidez pela morte. 0112</p> <p>Suzana Vargas, Urbana</p> <p>Te preparo com todo o cuidado com todo o requinte a minha ausência a minha omissão a meu silêncio. "0104"</p> <p>Tânia Horta, Mágua</p>
<p>Confusão na classe: falatório... gargalhadas... - o mestre atrasado. "0111"</p> <p>Antônio Seixas</p>	<p>Os seios intumescidos dessa morena cafuzo, são dois cornos atrevidos chiffando o avesso da blusa. 0105</p> <p>Demóstenes Cristiano</p>	<p>Por mais que divague a mente e o rumo tente alterar, meu olhar tão insistente te vê em todo lugar... "0106"</p> <p>Jessé Nascimento</p>	<p>Componho, pois a febre inda me arde... e vou compondo triste sem alarde com o dia findo, já caindo a tarde. E vão pingando no papel, suponho uns pequeninos pingos desse sonho que ordeiramente lado a lado eu ponho. São versos, breve suspiro que eu capturo com dificuldade. É em você que eu mais me inspiro, é em você, e o que restou... Saudade! 0007</p> <p>Mário Marinho, Interlúdio; em ALAM</p>	<p>Em cada poema estação uma página de mim em cada verso outono aos poucos me desfolho na me revelo mas não se iluda: depois de todos os incestos todos os abortos depois de todos os estupros todos os naufrágios raro é aquele que merece o convite para conhecer de perto a minha celulite. 0103</p> <p>Verônica Diaz, Limite</p>
<p>Casa em março a Ester Macedo e em julho é mãe... ora o alarde! O filho não veio cedo, o esposo é que veio tarde... 0105</p> <p>Belmiro Braga</p>	<p>Entre pedras, entre cruces, entre flores, entre espinhos, teus olhos são duas luzes que iluminam meus caminhos... "0107"</p> <p>Djalda Winter Santos</p>	<p>Não queiras, na desavença, ofender quem te ofendeu, pois quem revida uma ofensa merece a que recebeu! 0201</p> <p>José Tavares de Lima</p>	<p>De mãe, chamou-te a menina. Para não ficares só, suprema bênção divina, hoje te chamam de avó... Só a carne envelheceu, como já é seu mister. O sonho, esse não morreu. Pois teu sonho é ser mulher. Eu amiga minha, lembrando os galhos de uma roseira, vou-me em ti entrelaçando, e te chamo... companheira! 0007</p> <p>Mário Marinho, Trajetória: para Arlete, com carinho; em ALAM</p>	<p>Em nosso lar, briga é rara, e o segredo eu conto aqui: - se um dos dois amarra a cara, o outro em devide, sorri... "0109"</p> <p>Waldir Neves</p> <p>Se casar já é besteira, aumentando o meu desgosto, casei-me na sexta-feira, dia 13, mês de agosto. 0103</p> <p>Wilson Montemor</p>
<p>Tu fingiste que me amaste; eu fingi que acreditei, foste tu que me enganaste, ou fui eu que te enganei? "0106"</p> <p>Benedita de Melo</p>	<p>Meu porto foi tua imagem... E no teu corpo em nudez, fiz a mais bela viagem que um ser humano já fez! 0201</p> <p>Edmar Japiassú Maia</p>	<p>Morre no riso a lágrima desesperada. "0104"</p> <p>Lau Siqueira, A Dor do Palhaço</p>	<p>Morre no riso a lágrima desesperada. "0104"</p> <p>Lau Siqueira, A Dor do Palhaço</p>	<p>Edições Milênio - Pauca, sed bona (Poucas (obras) mas boas): Meriti Fazendo Arte (0106 = 2001, Junho, 0007=2000, Julho), de Mário Marinho (22.11.1952-15.11.2004)</p>